



O meio é a mensagem e a mensagem como meio: leituras de Marshall McLuhan feitas pelo site youPIX

Felipe de Oliveira Mateus¹
Mauro de Souza Ventura²

Resumo: Este artigo é um excerto da pesquisa de mestrado que teve como objetivo analisar o conteúdo do site youPIX, veículo que se dedica a divulgar informações e análises a respeito da cultura digital e do mercado de produção de conteúdo independente para as mídias digitais. Um dos aspectos que despontam entre os mais claros dentre os identificados no conteúdo do site são as constantes referências ao pensamento de Marshall McLuhan a respeito do protagonismo das mídias e sua capacidade de interferir nos conteúdos. Ao mesmo tempo em que o site reitera a visão sustentada por McLuhan ao tratar do mercado de produção de conteúdos, de forma inclusive a justificar uma mudança midiática do próprio youPIX, que abandonou o formato de blog e aderiu à plataforma Medium, subverte essa lógica ao defender uma autonomia dos conteúdos digitais em relação aos meios. Assim, o artigo tem como objetivo analisar o diálogo estabelecido entre o site youPIX e as ideias de McLuhan e verificar até que ponto seus conteúdos e a própria postura do site no campo digital confirmam ou contestam o pensamento do autor.

Palavras-chave: Marshall McLuhan. Cibercultura. youPIX. Mídias. Conteúdos digitais.

McLuhan e o pensamento a respeito dos meios

¹Jornalista, Mestre em Comunicação pelo Universidade Estadual Paulista - Unesp (câmpus de Bauru). Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cibercultura - Cibercom. E-mail: felipe.omateus@hotmail.com

²Professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista - Unesp (câmpus de Bauru) e do curso de graduação em Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp (câmpus de Bauru). Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cibercultura - Cibercom. E-mail: mauroventura@faac.unesp.br

Dentro do universo de autores e estudos que fundaram as bases para a compreensão de como se configuraram e quais as implicações das relações estabelecidas entre homens e tecnologias, Marshall McLuhan ocupa uma posição de destaque e grande importância ao propor que os meios de comunicação têm papel ativo nas relações comunicacionais e na própria composição do sentido de mensagens e conteúdos.

McLuhan desenvolve seus estudos em um cenário de pesquisas tecnológicas que já se preocupavam em compreender o funcionamento de sistemas máqunicos com o objetivo de tornar seu funcionamento mais eficiente. Tal pensamento se mostra presente nas bases da cibernética, ramo de estudos liderado por Norbert Wiener (1968) e que coloca a troca de informações como base que determina as relações entre homens e máquinas.

A grande inovação representada pelo pensamento de McLuhan (2007) é a perspectiva de que os meios possuem um papel significativo na cultura e na sociedade humana, por meio de seu protagonismo nas relações comunicativas. Como é possível verificar (WOLF, 2009), os estudos desenvolvidos até então tinham como foco os processos de produção e emissão de mensagens e, principalmente, nos efeitos da recepção. A partir do pensamento da chamada Escola de Toronto, da qual McLuhan compartilha espaço com autores como Harold Innis, Joshua Meyrowitz e Derick de Kerckhove, há uma expansão das ideias da “Teoria do Meio”, segundo a qual as mídias têm implicações diretas na configuração cultural da sociedade e, por isso, suas características devem ser consideradas nas análises dos processos comunicacionais (MARTINO, 2014).

Entre as ideias perpetuadas por McLuhan, uma das mais célebres é a de que “O meio é a mensagem”, máxima com que o autor resume seu pensamento a respeito dos efeitos das mídias na cultura humana. De acordo com o autor, cada tecnologia carrega em si mesma aspectos que interferem na construção e na transmissão de seus conteúdos, o que implica em efeitos diretos na recepção dessas mensagens.

Este fato, característico de todos os veículos, significa que o “conteúdo” de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo. Se alguém perguntar, “Qual é o conteúdo da fala?”, necessário se torna dizer: “É um processo de pensamento, real, não-verbal em si mesmo.” [...] Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. (MCLUHAN, 2007, p. 22)

De acordo com a interpretação de Vinícius Andrade Pereira (2011) sobre o pensamento colocado por McLuhan, a grande questão que o autor canadense coloca é a de que os meios criam um ambiente próprio para a geração de conteúdos, sendo que este ambiente conta com aspectos específicos que se convertem em uma nova linguagem, incidindo sobre o próprio conteúdo. Assim, a intenção de McLuhan era de chamar atenção para a participação que as mídias vinham progressivamente ganhando no meio social e como fatores de análise dos conteúdos.

No entanto, Pereira (2011) faz a ponderação de que muitas das análises feitas a respeito do autor contemplam apenas a superfície de seu pensamento. Para ele, a grande questão a ser considerada a respeito de McLuhan é: a ideia de que o meio é a mensagem tem sentido acompanhada de outra ideia célebre, a de que os meios são extensões do homem.

Ao colocar as tecnologias como extensões humanas, McLuhan propõe que elas são prolongamentos cognitivos, expandindo suas capacidades simbólicas e criando novas demandas desse universo. No caso das mídias, por transmitirem informações carregadas de significados, expandem o universo simbólico humano. Assim, a ideia acaba por reforçar a perspectiva de que os meios influenciam diretamente a cultura.

Aplicada então à ideia de que os meios são as mensagens, Pereira (2011) interpreta que, na visão de McLuhan, a linguagem dos meios torna-se uma extensão cognitiva humana, incorporando-as em universos simbólicos. Sendo assim, quem seria responsável pela constituição das mensagens não seriam os meios isoladamente. Estes ofereceriam condições para que elas existam, tanto de

transmissão quando de dados. As mensagens, na interpretação do autor, seriam constituídas a partir da conjunção entre os meios e os usuários, já que compartilham da linguagem.

Um meio, a princípio, não possui uma mensagem, visto que mensagem já implica o recorte produzido por um sistema que se submete a uma determinada linguagem, tomada como instrumento para efetivar o referido recorte. Um meio, pois, fornece a ordem, a gramática que orienta os recortes informacionais possíveis para os usuários que venham dele fazer uso. É só no encontro com esse usuário, com esse sistema, no encontro das virtualidades do sistema e do próprio meio, que mensagens irão se formar. (PEREIRA, 2011, p. 140-141)

Com isso, compreende-se as duas célebres afirmações que caracterizam o pensamento de McLuhan. Para o autor, os meios são extensões pois fornecem a linguagem que, assimilada e combinada com a cultura humana, dá origem às mensagens. Também são as próprias mensagens porque neles está a linguagem sem a qual elas não existiriam - ainda que, segundo esse pensamento, o homem também se torna indispensável ao processo informativo.

A partir de estudos como os de Wiener (1968) e McLuhan (2007), há ainda uma nova perspectiva cultural nos estudos em comunicação, mudança que favoreceu e foi beneficiada pelo próprio advento das tecnologias digitais de comunicação. Além da formação de um consenso de que elas têm implicações diretas na cultura em que estão inseridas, pensamentos como os dos autores incentivam o surgimento de uma relação entre homens e mídias caracterizada pela reciprocidade, fornecendo informações a eles e deles recebendo informações, cenário que se materializa com a popularização dos computadores e outros dispositivos digitais.

A influência do pensamento de McLuhan a respeito das características e efeitos dos meios é ainda identificável nos estudos voltados à comunicação digital que se desenvolveram posteriormente. A própria perspectiva sustentada por Pierre Lévy (2010) ao definir cibercultura como o conjunto de hábitos e valores que se desenvolvem no ciberespaço carrega a herança de McLuhan de considerar os efeitos dos meios. Sem tal legado, as redes que possibilitam fenômenos

comunicacionais e culturais ainda seriam vistas como meras intermediárias, não como elementos que exercem influências.

Graças à contribuição de McLuhan e outros teóricos que compartilham dessa visão sobre os meios, hoje são possíveis pesquisas de vários campos da ciência que versam a respeito das características e efeitos das redes sociais, dos dispositivos móveis, e outras inovações.

youPIX: Leitor de McLuhan

A pesquisa da qual este artigo se origina tem como objeto de estudo o site youPIX. Criado em 2006, ainda com o formato de revista, o youPIX surgiu na cena midiática com o propósito de ser um veículo dedicado à cobertura de fenômenos e comportamentos da cultura digital. O formato de blog foi adotado em 2009 e, até abril de 2015, o trabalho do youPIX era voltado ao acompanhamento dos usos das redes sociais e das plataformas digitais, além da repercussão de temas do cotidiano nestes espaços³. Para tanto, o site se apoia na curadoria de conteúdo para selecionar as temáticas que ganham repercussão. (GRANJA, 2016)

A partir de abril de 2015, o youPIX sofreu uma dupla mudança. A primeira foi uma alteração em sua proposta editorial, passando de um veículo de cobertura da cultura digital para um meio de análise desse universo e de seus usos e implicações. De acordo com o site, os motivos que levaram o youPIX a essa mudança foi uma percepção de que o olhar de cobertura dado à cultura digital já não era algo inovador, mas sim praticado pelos meios em geral. Por isso, para manter-se em posição de vanguarda, optou pela vertente analítica.

O youPIX sempre esteve à frente do seu tempo ao celebrar, dar palco e discutir essa revolução. Nós ajudamos a dar visibilidade pra esses personagens e suas criações. Mas agora a web já é mainstream...e vazou pra fora da internet. Até sites como o da revista Exame fazem lista de memes hoje em dia, sua mãe já passou um meme pra frente no ZapZap (mesmo sem conhecer o termo), youtubers já ganham cadeira cativa em alguns programas de

³ Conforme verificado em publicações anteriores (MATEUS, 2014; 2015), o youPIX teve como foco de suas coberturas, entre outros assuntos, a repercussão nas redes sociais da tramitação no Congresso e Senado do Marco Civil da Internet - Lei nº 12.965 e da Copa do Mundo de Futebol de 2014.

televisão e publicam livros que se transformam em best-sellers em poucas semanas. (GRANJA, 2015a)

Acompanhando a mudança editorial, o youPIX empreendeu também uma mudança midiática significativa. O site deixou de publicar seus conteúdos no formato de blog e adotou a plataforma Medium como meio de publicação e difusão dos artigos. Desenvolvido em 2012 pelos criadores do Twitter, o Medium se caracteriza por utilizar recursos de navegação e circulação de conteúdos próprios das redes sociais - de acordo com análise de Recuero (2009) - para favorecer a difusão de textos e conteúdos que antes encontravam espaços em blogs. Além disso, ele coloca aos seus usuários a possibilidade de publicar seus próprios conteúdos, servindo ao mesmo tempo como plataforma de publicação e meio de difusão.

Assim, a pesquisa se propôs a analisar e caracterizar o conteúdo do youPIX, baseado nos conhecimentos teóricos a respeito da cibercultura, tendo como fator característico essas duas mudanças, editorial e midiática. Várias tendências de análise e ideias são colocadas pelo site ao longo de seus artigos, de forma a construir uma ideia transmitida pelo youPIX a respeito do cenário de cultura digital.

O corpus de pesquisa selecionado foi composto por 72 artigos publicados pelo youPIX desde a mudança editorial/midiática até o fim de 2015. Nelas, foram aplicados os procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo descritos por Laurence Bardin (2011) a fim de identificar as tendências de análise utilizadas. Em linhas gerais, foi possível verificar uma ênfase dada ao viés mercadológico do cenário da cultura digital, principalmente na defesa e incentivo do site à formação de um mercado de produção independente de conteúdos e a sua profissionalização.

A partir desse grande tema que permeia os artigos, são desenvolvidas argumentações a respeito de temas relacionados à produção de conteúdos para as redes, tais como o consumo de novos produtos audiovisuais, o fenômeno youtuber, os novos modelos de negócios para empresas de música, o consumo ativo de usuários das redes e o engajamento, entre outros.

Um aspecto identificado nas ideias defendidas pelo youPIX a respeito da cena cibercultural de produção e consumo de conteúdos, que perpassa as argumentações feitas e que aqui é destacado é a forma com que o site, direta ou indiretamente, refere-se e/ou baseia-se nas ideias de McLuhan a respeito do papel

dos meios e sua relação com os usuários na produção de conteúdos digitais. Ao mesmo tempo em que as ideias do autor são reiteradas nas leituras que o site faz do ambiente digital, algumas das questões levantadas parecem reinterpretar o pensamento, propondo novas relações entre homens e mídias. Além disso, a própria mudança midiática empreendida pelo site, de blog ao Medium, indica uma concordância do youPIX às ideias de McLuhan.

A grande questão que o youPIX defende e que dialoga com as ideias de McLuhan a respeito do papel dos meios nos processos de comunicação é a defesa de que, a partir de uma grande variedade e possibilidade de suportes nos quais as mensagens podem ser produzidos e difundidos, a criação de conteúdos deve ocorrer de forma a se adaptar a essa gama de possibilidades, de forma que tanto os novos produtores independentes - principal público-alvo do site - quanto veículos tradicionais de comunicação, possam obter uma maior difusão junto ao público.

No entanto, o site acaba por expandir a interpretação da ideia de protagonismo dos meios e de seu poder de definir as características das mensagens propondo que, em um cenário de uma multiplicidade de mídias disponíveis à produção e consumo, os conteúdos passariam a contar com autonomia em relação aos suportes nos quais podem ser levados a público. Nessa perspectiva colocada pelo youPIX, a crescente concentração da produção e consumo de informações em redes sociais faria com que os meios em si - no caso específico da comunicação digital, os websites tradicionais - perdessem sua relevância frente aos espaços das redes.

Essa dualidade de leituras a respeito das ideias de McLuhan pode ser verificada mais especificamente em artigos que compõem o corpus de análise. Em “Espalhe ou morra (ou: o fim da webpage?)”, de 25 set. 2015, publicado por Gustavo Miller, é colocada como ponto de reflexão sobre as perspectivas para o jornalismo digital a mudança editorial sofrida pelo jornal norte-americano Washington Post, que o levou a publicar todo seu conteúdo diretamente no Facebook. A discussão levantada pelo youPIX envolve o conceito de propagabilidade, proposto por Jenkins, Ford e Green (2014) para defender tal postura do jornal e justificar que, dentro de um ambiente midiático onde o acesso e o consumo de informações ocorre nas redes

sociais, disponibilizá-los diretamente em tais espaços favorece a circulação dos conteúdos devido à ação dos usuários.

Para reforçar essa perspectiva, o youPIX se utiliza de McLuhan justificando que, a partir de um cenário comunicacional em que os meios definem as mensagens, cabe aos produtores de conteúdo adaptarem-se às linguagens que essa variedade de novos meios trazem, pois é a partir dessa flexibilidade no processo de produção que os conteúdos teriam visibilidade e circulação.

Voltemos a 1964 e vejamos o que Marshal McLuhan (sim, ele), dizia no bestseller "Os meios de comunicação como extensão do homem": O meio é a mensagem, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quão ineficazes na estruturação da forma das associações humanas. [...] Não lembra o atual momento? Mas isso não indica que podemos colocar as máscaras de mergulho e esperar a água subir de vez. Seria mais o caso de ver aí uma oportunidade, com os jornalistas pensando em experimentar notícias com linguagens diferentes para cada tipo de plataforma e com o povo do departamento comercial quebrando a cabeça de como vender publicidade nesses ambientes de uma forma natural e que não arranhe a identidade da marca. (MILLER, 2015)

A passagem deixa clara uma interpretação do youPIX que toma os meios e suas novas linguagens como facilitadores de novas mensagens, conteúdos estes que, sob a leitura de Pereira (2011), se concretiza a partir da combinação de linguagem dos meios e sistema cultural dos usuários.

Como observado anteriormente, a discussão levantada pelo youPIX que tem como pano de fundo o pensamento de McLuhan tem na própria trajetória do site e em sua mudança midiática uma exemplificação. De acordo com o próprio, ao se dedicar a uma nova proposta editorial, visando atingir um público diferente, mais segmentado, voltado a produtores de conteúdo digital, e com o objetivo de que seus artigos sejam recebidos de forma também diferente, passando a fomentar esse mercado, o site sentiu a necessidade de mudar também seu meio. Ou seja, fica clara a leitura que o youPIX faz de um ambiente midiático em que os meios constituem linguagens que têm implicações não apenas nas mensagens neles produzidas, mas também nos usos e efeitos dessas informações.

Isso é percebido em “Por que você está publicando seus artigos no Medium?”, de 9 abr. 2015 por Gilberto Alves Leal, publicado pouco após a estreia do novo youPIX e que discute como o uso do Medium, assim como o de outros meios, pode apresentar vantagens por estimular um novo tipo de uso midiático, que implica em novos tipos de conteúdos.

Há uma idéia tão antiga quanto genial por trás do Medium: "o meio é a mensagem". Ao limitar seu texto a 140 caracteres, o Twitter incentiva o autor a apropriar-se daquele meio de uma determinada maneira, fazendo com que as pessoas se esforcem para ter uma concisão textual que de outra forma jamais teriam e se relacionem com seus amigos em uma dinâmica de conversação que nunca imaginariam, se não houvesse a ferramenta. Da mesma forma, quando o Medium pensa em todo um serviço para a criação, edição, publicação, curadoria, leitura e compartilhamento de textos de maior qualidade—sejam notícias que poderiam estar em um bom jornal, artigos que mereciam uma revista, ou crônicas que mereciam estar em um livro— o Medium faz com que as pessoas que gostam e são capazes de produzir bons textos façam esse tipo de conteúdo e interação em maior quantidade e qualidade do que antes. (LEAL, 2015)

Assim, a interpretação que o youPIX faz de McLuhan dialoga com a de Pereira (2011) no sentido de considerar a mensagem e os conteúdos de um determinado meio um produto da interação entre linguagem da mídia em si e o sistema cultural no qual o usuário está inserido. No caso, o Medium apresenta uma linguagem condizente com a proposta inaugurada pelo youPIX e com os tipos de usos e apropriações que o site pretende dar a seus conteúdos.

Subversão e extensão: a mensagem como meio

Apesar de sustentar argumentos que reiteram a ideia de McLuhan na maior parte de seus artigos, o youPIX estende a interpretação do pensamento a respeito dos meios de forma a, em alguns momentos, subverter a noção comum de protagonismo dos meios e seu poder determinante sobre as mensagens. Ao mesmo tempo em que a questão das novas linguagens das mídias ser afirmada e exemplificada, para o youPIX a cena comunicacional chega a um estágio em que os

conteúdos adquirem autonomia frente aos meios, que não exerceriam mais o papel principal nas relações comunicativas.

Isso se identifica na análise e consideração que o youPIX faz do cenário atual de mídias ser marcado por aspectos como instantaneidade e impermanência. De acordo com o site, a crescente produção, circulação e consumo de conteúdos nas redes sociais, caracterizados por uma dinâmica de fluxo constante, tornam imperativa a produção e veiculação constante de conteúdos, sendo que a relevância dentro do cenário passa a ser do produtor que consegue integrar-se a essa nova dinâmica. Por conta disso, interpreta que a produção de mensagens não deve ser fixa a um meio específico, mas sim transitar por diversas instâncias e se integrar ao fluxo de consumo instalado nelas. Assim, o real valor estaria no conteúdo, que não tem mais a necessidade de estar atrelado a um determinado meio para se constituir e conquistar relevância.

Assim, o youPIX coloca a própria máxima de McLuhan em questão, pois já que a produção de conteúdos prescinde de um meio específico, estes tornam-se seus próprios meios, de forma autônoma. Tal leitura é feita em “O suposto controle que você tem sobre seus conteúdos na internet”, de 28 mai. 2015, escrito por Bia Granja, curadora do site. Novamente em uma tentativa de justificar a opção do youPIX de deixar seu blog consolidado e passar a publicar no Medium, a autora toma o cenário de impermanência de conteúdos para defender que, dadas tais circunstâncias midiáticas, os produtores de conteúdo devem ter como prioridade a qualidade e relevância de sua produção, em detrimento do fortalecimento de seu próprio meio.

Acho que faz mais sentido se preocupar com arquivo quando você se dedica a escrever matérias mais profundas ou análises opinativas que continuam tendo valor um mês depois da postagem. Mas mesmo assim, sem neura. A sua relevância enquanto produtor de conteúdo só existe se você está produzindo conteúdo HOJE e sempre. Perder artigos que você escreveu no passado é uma merda? Sim! Ninguém quer. Essa é sua história e te levou até onde você está. Mas se você continua produzindo, refletindo, publicando e postando, seus leitores vão continuar te acompanhando e sua marca vai continuar presente. Presença é o que importa. (GRANJA, 2015b)

Apesar de ser uma leitura da relação entre meios e conteúdos que pode ser compreendida como uma inversão da base de pensamento de McLuhan, a reflexão colocada pelo youPIX acompanha a interpretação de Pereira (2011). Como visto anteriormente, o autor analisa que, pela ótica de McLuhan, os meios configuram linguagens que, em contato com os sistemas culturais de seus usuários, dão origem às mensagens.

Remetendo essa ideia ao que o youPIX coloca como autonomia que os conteúdos adquirem, é possível interpretar que o conteúdo digital torna-se autônomo porque, mesmo com a existência de múltiplas plataformas, cada qual com suas especificidades, existe uma linguagem essencial comum a todos esses meios, que é a linguagem digital. Isso explica a possibilidade de trânsito dos conteúdos por entre diferentes mídias, o que abre espaço conceitual para os fenômenos que permeiam os meios digitais, como a multimídia e a transmídia.

Há que se considerar que, mesmo sendo esta uma compreensão que atualiza o pensamento de McLuhan, não o anula. Tomando esse cenário, pode-se interpretar o meio não apenas como mídia específica, mas como o ambiente do ciberespaço como um todo, que tendo no digital sua linguagem, define as mensagens. Ainda remetendo a interpretação colocada pelo youPIX à leitura de Pereira (2011), pode-se compreender a autonomia dos conteúdos como consequência do próprio sistema cultural fomentado pelos meios digitais. Assim, sendo o pensamento de McLuhan uma explicação de como a linguagem dos meios e a cultura dos usuários gera produtos informacionais, é a linguagem digital comum aos suportes que, em contato com a realidade cibercultural, dá origem a mensagens autônomas, dos meios específicos, mas definidas pelo grande meio digital que é o ciberespaço.

[...] o meio determina o sistema/usuário se utilizando de meios prévios, esse sistema usuário transforma o meio, que transforma o sistema, novamente, continuando em um jogo indefinido. A mensagem para McLuhan, por fim, serão as metamorfoses que um sistema apresenta ao longo de todo o processo descrito de transformações contínuas. Ou seja, McLuhan irá considerar a mensagem o conjunto de características cognitivas que surgem no indivíduo, após a interação com um novo meio. (PEREIRA, 2011, p. 143-144)

Dessa forma, ao colocarmos como objetivo de pesquisa caracterizar a análise da cultura digital feita pelo youPIX, tendo como pressuposto a forma com que o campo de pensamento em torno da cibercultura se organiza, a verificação de que o youPIX mostra-se um leitor de McLuhan, que tem no pensamento do autor as bases de seu pensamento em relação às mídias, não apenas integra o site nesse campo de pensamento como também atualiza a aplicabilidade das ideias de McLuhan às novas tendências e fenômenos da comunicação digital.

Conforme verificado, assim como vários autores que se utilizam da herança teórica de McLuhan para figurar entre grandes referências dos estudos ciberculturais, o youPIX, ao reproduzir e propor novas leituras de tais ideias não apenas reflete a importância do autor para o campo, mas também reforça sua própria importância entre veículos que se propõem a analisar a cultura digital.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

GRANJA, Bia. **Entrevista I** [jul. 2016]. Entrevistador: Felipe de Oliveira Mateus. Bauru, 2016. 1 arquivo .m4p (41 min 32 s).

_____. Bem-vindos ao youPIX FWD! In: **youPIX**, 6 abr. 2015a. Disponível em <<https://youpix.com.br/bem-vindos-ao-youpix-fwd-c06ea780625#.g4y63fz0x>> Acesso em 15 set. 2016.

_____. O suposto controle que você tem sobre seu conteúdo na internet. In: **youPIX**, 28 mai. 2015b Disponível em <<https://youpix.com.br/sobre-o-suposto-controle-que-voc%C3%AA-tem-sobre-seu-conte%C3%BAdo-na-internet-8a0f176d80e0#.i8ej655ms>> Acesso em 15 set. 2016.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LEAL, Gilberto Alves. Por que você está publicando seus artigos no Medium? In: **youPIX**, 10 abr. 2015. Disponível em <<https://youpix.com.br/por-que-voc%C3%AA-est%C3%A1-publicando-seus-artigos-no-medium-em-vez-de-um-blog-dd94b4454b2d>> Acesso em 15 set. 2016.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teorias das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MILLER, Gustavo. Espalhe ou morra (ou: o fim da webpage?) In: **youPIX**, 25 set. 2015a. Disponível em <<https://youpix.com.br/espalhe-ou-morra-44f5f5bec887#.xcb2boso6>> Acesso em 15 set. 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, Vinicius Andrade. **Estendendo McLuhan: da Aldeia à Teia Global - Comunicação, Memória e Tecnologia**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1968.